

**Carlos Conde**

## **Sarney interessado em lições de fora**

O presidente José Sarney disse ao líder do Partido da Frente Liberal no Senado, Carlos Chiarelli, que pretende reiniciar suas viagens ao exterior. Em março, adianta o parlamentar, o chefe do governo iria à França e à Índia. É a "diplomacia presidencial" em marcha, cabível e mais desembaraçada em países de regime aberto, segundo o professor Celso Lafer.

Serão duas visitas oficiais muito interessantes, que definem bem o perfil da atual política externa brasileira e estão de acordo com a índole pessoal e política do presidente da República em favor do diálogo e da conciliação. A Nova República nasceu sob o signo do convívio e do compromisso internacional. Surgiu envolta no desejo de respeito aos direitos humanos e consolidou-se para o mundo antes mesmo de oficializada, no dia 15 de março deste ano. O presidente eleito Tancredo Neves esteve na América Latina, na Europa e nos Estados Unidos mostrando a nova face política brasileira e demonstrando o equilíbrio geográfico e de propósitos no qual se inspirava o ideário diplomático da Aliança Democrática. A visita ao papa João Paulo II foi o ponto simbólico da viagem, vista esta como ato afirmativo de poder antes mesmo da posse que não houve para Tancredo.

O presidente Sarney mantém-se fiel à letra e ao espírito dos compromissos internacionais de Tancredo Neves. Como cidadão do mundo, o maranhense Sarney quer o Brasil não isolado, mas participante. Como homem de letras, sabe que a troca de idéias em todos os campos e em todos os níveis é sábia conselheira. Como interessado em política externa, lembra hoje que sua iniciação ocorreu na Câmara dos Deputados e no Senado, em missões a países e organismos internacionais como a ONU. Investido no cargo de chefe de governo, prestigiado desde logo a "diplomacia presidencial". E proporcionou tal importância a esse dado que levou para perto dele a figura acabada do diplomata competente, o embaixador Rubens Ricupero. Ambos lançaram-se à empreitada das relações internacionais com pleno respeito ao Itamarati.

Nos atos internacionais do dia-a-dia Sarney pôde sentir o gosto que tinha pela matéria e a importância dela no contexto geral da arte de governar. Nas viagens ao exterior verificou, de perto, a importância do diálogo diplomático, que reforça a paz e abre possibilidades ao desenvolvimento nacional. Aqui, nas visitas ao subcontinente, o presidente percebeu mais nitidamente a vocação latino-americana do Brasil, insubstituível a qualquer tempo. Na África, em Cabo Verde, identificou o carinho puro gerado pela espontaneidade e pelas raízes comuns. Foi uma apoteose total. Nos Estados Unidos, viu de perto o peso da pata do elefante, as garras afiadas da águia, a diferença de interesses, a necessidade do diálogo, mas a convicção definitiva de que o Brasil tem seu próprio caminho e seus próprios interesses. Sarney sentiu, em Washington, o que é uma pressão nua e crua, alimentada pelo terrível poder militar, econômico e político de uma superpotência.

Na França, o presidente verá uma potência européia de estilo próprio, que vez por outra desafia a águia e soma poder porque sabe que sem ele não há salvação na batalha do corpo-a-corpo diplomático. Na Europa, em um país como a França, há oportunidades a aproveitar e lições a recolher.

Na Índia, há a marca de uma grande nação do Terceiro Mundo orgulhosa e lutadora, mas com suas peculiaridades. Uma relação que se estreita com atraso. País que forma elites culturais, e, como o Brasil, está sedento por acesso à tecnologia. Muitas afinidades nos unem e será bom que o Presidente vá vê-las de perto.